

PROJETO PARTICIPATIVO: TRANSFORMANDO O ESPAÇO LIVRE ESCOLAR A PARTIR DO PLANEJAMENTO COLETIVO¹

CARMONA-RIBEIRO, Ana Carolina²
GALLO JUNIOR, Fábio³
MAIA, Fernanda da Mota⁴

RESUMO

A pesquisa busca investigar o potencial do projeto participativo como ferramenta para a requalificação de espaços livres escolares. A investigação tem como objetivo apoiar o processo de desenvolvimento do projeto de requalificação paisagística do bosque do Instituto Federal de São Paulo (IFSP) – *Campus* São Paulo. Localizado na região central da cidade, em um bairro marcado pela carência de vegetação, ocorrência de alagamentos e ilhas de calor (UrbVerde, 2021), o bosque é um espaço verde historicamente utilizado como área de descanso, alimentação e integração social, por parte da comunidade escolar. Além de estudar os conceitos e benefícios dos processos participativos, a pesquisa tem como foco compreender as metodologias necessárias para sua aplicação. Metodologicamente, a pesquisa estrutura-se em três eixos: revisão bibliográfica sobre planejamento coletivo e paisagismo participativo; análise de referências projetuais de processos participativos em ambientes educativos; escuta e mapeamento das percepções da comunidade do *Campus* São Paulo, com o objetivo de subsidiar o desenvolvimento de diretrizes e, posteriormente, de um projeto de requalificação do bosque. Até o presente momento, foi constatada a falta de locais verdes voltados ao descanso e lazer e o anseio da comunidade por esses espaços (Projeto de Ensino, 2025).

Palavras-chave: Projeto participativo; paisagismo escolar; espaços livres urbanos; bosque do IFSP; requalificação ambiental.

INTRODUÇÃO

A articulação entre paisagem, educação e participação comunitária tem adquirido crescente relevância nos debates contemporâneos sobre o papel dos espaços livres urbanos, especialmente no contexto escolar. Espaços como praças, bosques e pátios podem funcionar como territórios pedagógicos, ambientes de convívio e potentes instrumentos de formação cidadã (Saft, 2011). No caso do IFSP – *Campus* São Paulo, o bosque configura-se como uma área de valor ambiental inestimável em uma região

¹Pesquisa de Iniciação Científica (PIBIFSP) em andamento.

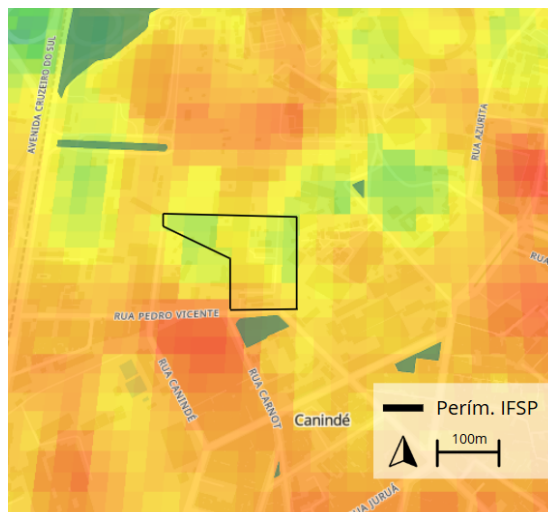
²Doutora em Arquitetura e Urbanismo; DCC/ IFSP-SPO, São Paulo, SP; ana.carmona@ifsp.edu.br ; CARMONA-RIBEIRO, Ana Carolina;

³Doutor em Arquitetura e Urbanismo; DCC/ IFSP-SPO, São Paulo, SP; gallo.fabio@ifsp.edu.br ; GALLO JUNIOR, Fábio;

⁴Graduanda em Arquitetura e Urbanismo; IFSP-SPO, São Paulo, SP; f.maia@aluno.ifsp.edu.br ; MAIA, Fernanda da Mota

central da cidade carente de vegetação, marcada por histórico de urbanização agressiva e vulnerabilidade climática (UrbVerde, 2021).

Mapa 01 - Campus IFSP em relação às ilhas de calor.



Fonte: UrbVerde, 2021

Apesar de ter sido usado desde meados dos anos 1980 pela comunidade escolar (Barros; Carmona-Ribeiro, 2024), o bosque enfrentou, entre 2022 e 2024, um quadro de degradação, decorrente da negligência por parte da gestão do *Campus*, com problemas como falta de manutenção, ausência de manejo arbóreo e queda de árvores, deterioração dos equipamentos e instalações voltados ao lazer (área de churrasco, forno de pizza, e mesas de piquenique), além da limitação de acesso à área, resultando em sua progressiva invisibilização. Com o início da greve em maio de 2024, estudantes, docentes e técnicos retomaram a utilização do espaço por meio de ações de limpeza, observação da fauna e flora, oficinas de pintura de painéis informativos, coleta e registros da memória coletiva associada ao lugar. Esse movimento espontâneo deu origem ao projeto de ensino "O bosque é nosso", que busca sistematizar o uso pedagógico e ambiental do espaço através de metodologias participativas. A pesquisa de Iniciação Científica vinculada ao projeto teve como escopo aprofundar teoricamente o debate sobre paisagem e participação, mapear percepções da comunidade e elaborar diretrizes e projeto a partir da escuta ativa.

Figuras 01 e 02 - O bosque e a área de churrasco degradados (jun, 2024)



Fonte: Projeto de ensino "O Bosque é Nosso!"

A pesquisa fundamenta-se em uma base teórica que compreende a paisagem como uma construção simbólica, social e pedagógica, e o projeto participativo como estratégia de mediação entre sujeitos, espaço e memória. Autores como Raul Pereira

(2006) e Sylvia Pronsato (2005) destacam o projeto paisagístico como processo, e não apenas como produto final, enfatizando a importância do envolvimento comunitário desde as etapas iniciais da formulação de ideias até a concretização das ações. Assim, o projeto paisagístico participativo pode ser definido como uma abordagem de planejamento e intervenção no espaço que se fundamenta no envolvimento ativo dos sujeitos que o utilizam. Não se trata de uma imposição técnica unilateral por parte dos projetistas, mas de um processo coletivo de criação que compreende o projeto como totalidade (Pronsato, 2005); já o planejamento coletivo é um processo coletivo de construção de decisões e estratégias, fundamentado na escuta ativa, no diálogo e troca de saberes e na corresponsabilidade dos envolvidos.

No campo específico da educação ambiental e do paisagismo escolar, Standerski (2007) aponta o potencial transformador da inserção de jovens no planejamento de seus próprios ambientes, reforçando a ideia de que o espaço livre deve ser compreendido como território de aprendizagem e expressão. A paisagem, nesse sentido, ganha uma dimensão educativa ao tornar-se suporte para vivências sensoriais, trocas intergeracionais e fortalecimento do vínculo com o lugar. Ziliani e Sebastián-Heredero (2021) evidenciam que a qualidade do espaço escolar está intrinsecamente ligada às condições físicas e simbólicas que ele oferece para o desenvolvimento da educação integral. Espaços verdes, áreas de descanso e ambientes que favoreçam o bem-estar mental e emocional dos estudantes passam a ser compreendidos como componentes essenciais da infraestrutura educacional (Cunha et al. 2022).

Em relação às metodologias de projeto participativo, a literatura enfatiza que os processos devem ser organizados em etapas claras e dialógicas, iniciando pela escuta ativa da comunidade e identificação de conflitos e desejos, seguidos pela apresentação de referências projetuais e técnicas acessíveis, culminando na elaboração conjunta de propostas (Pronsato, 2005). O planejamento participativo pode adotar diferentes metodologias, que variam conforme o contexto e os objetivos do projeto, mas geralmente seguem princípios de inclusão, diálogo e construção coletiva. Esse tipo de projeto busca promover diagnósticos participativos, que envolve levantamento de dados, escuta ativa e observação direta do território; o mapeamento afetivo, que identifica percepções, memórias e vínculos emocionais com o espaço, promovendo pertencimento; e oficinas temáticas, que permitem o debate de ideias e a criação colaborativa de propostas. Pereira (2006) e Pronsato (2005) reforçam que essas metodologias devem ser adaptadas à realidade local, garantindo o engajamento e a corresponsabilidade dos participantes ao longo de todas as etapas do processo.

Como estudo de caso, buscando compreender mais concretamente como desenvolvem-se processos de projeto participativo, foram analisadas as escolas EMEF Professora Philó Gonçalves dos Santos, em Perus, e o CEU Campo Limpo. As duas escolas estão localizadas em regiões periféricas de São Paulo, e inseridas em contextos de significativa degradação ambiental. No caso da EMEF Philó, a paisagem ao redor sofre o impacto direto de mineradoras e de uma fábrica de cimento; já no CEU Campo Limpo, o entorno imediato inclui um córrego poluído, uma estação de tratamento de esgoto e um ferro-velho (Google, 2025).

Na EMEF o projeto participativo surge em 2021, num contexto de pandemia, onde emerge o desejo dos professores e alunos por um espaço ao ar livre para as atividades pedagógicas. A partir dessa demanda, a escola estabeleceu contato com a FAU-USP, possibilitando que alunos de graduação participassem do processo de desenvolvimento do projeto no terreno ao lado da escola. Essa colaboração incluiu a organização dos processos participativos e a leitura crítica das oficinas propostas, nas quais foram produzidos levantamento topográfico, maquete de arborização, desenhos e listas com desejos da comunidade escolar (Ladeur, 2024). Já no CEU, o processo foi marcado pela implantação de uma mini-floresta conduzida pela ONG Formigas-de-

Embaúba, que atua na restauração ecológica por meio do plantio participativo de espécies nativas. Além do plantio em conjunto com a comunidade escolar, a ONG promoveu oficinas de educação ambiental voltadas à sensibilização das crianças para a importância da Mata Atlântica, abordando temas como as características do solo, o ciclo das sementes e a influência da vegetação no microclima (EducaPrefSP SME, 2023). Em ambos os casos, a articulação entre práticas participativas e ações de educação ambiental resultou em propostas que dialogam diretamente com a realidade local, fortalecendo vínculos comunitários e ampliando o repertório acerca das práticas pedagógicas e dos benefícios do projeto paisagístico participativo nas escolas.

OBJETIVOS

A pesquisa tem como objetivo compreender os conceitos e metodologias ligados ao desenvolvimento de projetos participativos, enfatizando a requalificação de espaços escolares. Além disso, a pesquisa busca contribuir com a recuperação do espaço do bosque do *Campus* São Paulo em conjunto com as ações do projeto institucional “O bosque é nosso!”.

METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa adotada envolveu revisão bibliográfica acerca dos conceitos de *paisagismo participativo* e *planejamento participativo* em projetos de paisagismo no ambiente escolar; e sobre a importância da inclusão das comunidades no processo de criação e execução de espaços verdes urbanos mais ecológicos e democráticos. Foram também estudadas as metodologias relacionadas a este tipo de projeto, a partir das obras de arquitetos e pedagogos, como Pronsato (2005), Pereira (2006) e Standerski (2007), Cunha et al. (2022), que discutem o projeto como processo colaborativo e a paisagem como construção cultural compartilhada, sendo a educação ambiental um eixo estruturante da prática projetual em espaços escolares.

No presente momento estão em andamento os estudos de caso, que envolvem visitas técnicas a projetos paisagísticos escolares com abordagem participativa, como forma de ampliar o repertório coletivo e subsidiar decisões projetuais fundamentadas no contexto educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÃO

Os estudos realizados evidenciam que processos participativos são capazes de transformar percepções, fortalecer vínculos e gerar propostas sensíveis à realidade local. Eles podem ressignificar o espaço livre escolar, reconhecendo-o como lugar de encontro, cuidado e formação cidadã. Ao integrar educação ambiental, participação comunitária e planejamento paisagístico, o projeto paisagístico participativo contribui para desenvolver o senso crítico em relação ao espaço escolar, e para explicitar como esse espaço pode interferir ecológica e socialmente na vida dos usuários. Os estudos de caso abordados demonstram os resultados benéficos dessa metodologia de projeto, além de oferecer um repertório de ações e estratégias que podem ser replicadas.

REFERÊNCIAS

BARROS, Giselly; CARMONA-RIBEIRO, Ana Carolina. **O BOSQUE É NOSSO! (RE)VIVA O BOSQUE** [Material de apoio]. Aula aberta ministrada no IFSP, São Paulo, junho de 2024.

CUNHA, A.; RODRIGUES, C. G.; SANCHO-PIVOTO, A.; ROMAGOSA CASALS, F. A conexão com a natureza em parques urbanos brasileiros e sua contribuição para o bem-estar da população e para o desenvolvimento infantil. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 34, e65411, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sn/a/Q7dqmGCdPdvBfqDY5R6RsZs/>. Acesso em: 04 jun. 2025.

EDUCAPREFSP SME. **Formigas de Embaúba no CEU Campo Limpo**. YouTube, 19 fev. 2023. Reportagem do Programa Boas Práticas Escolares, da TV Cultura. Disponível em: <https://youtu.be/CytsXPe-Z4Y?si=GAvLqERVjGk3cPy0> . Acesso em: 25 jul. 2025.

INSTITUTO de Arquitetura da USP (IAU). **UrbVerde – Plataforma de Indicadores e Visualização de Dados Urbanos**. São Carlos: IAU/USP, 2024. Disponível em: https://urbverde.iau.usp.br/mapa?code=3550308&viewMode=map&type=city&year=2024&category=climate&layer=surface_temp&scale=intraurbana#@-23.5236,-46.6175,15.06z,0b,20p. Acesso em: 08 jun. 2025.

LADEUR. **Roda de Conversa – Eco-parque escola, EMEF Philó Gonçalves dos Santos, Perus, São Paulo**. YouTube, transmissão ao vivo em 18 jun. 2024. Disponível em: https://youtube.com/live/ZciDsG7_iQM?feature=share . Acesso em: 25 jul. 2025.

PEREIRA, Raul Isidoro. **O sentido da paisagem e a paisagem consentida: projetos participativos na produção do espaço livre público**. 2006. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

PRONSATO, S. A. D. **Arquitetura e Paisagem: Projeto Participativo e Criação Coletiva**. São Paulo: Annablume; Fapesp; Fupam, 2005.

SAFT, D. M. et al. Paisagismo no pátio escolar: a arte como instrumento de sensibilização à educação ambiental. **Monografias Ambientais**, v. 2, n. 2, p. 285–296, 2011.

STANDERSKI, Thea. **Ventos jovens na paisagem**. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

ZILIANI, V. C.; SEBASTIÁN-HEREDERO, E. O espaço escolar e a qualidade da educação: uma revisão pela legislação brasileira. **Revista on-line de Política e Gestão Educacional**, v. 26, p. e022022, 2022.